

Prolegômenos a “A leitura crítica como ideologia” (anotações)

Prolegomena to Critical Reading as Ideology (notes)

Autoria: Aurora Bernardini

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0643870323205203>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.218273>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/218273>

Recebido em: 06/11/2023. Aprovado em: 14/12/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 23, jul.-dez., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

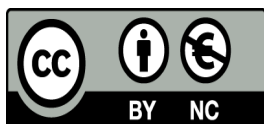
Contato: opiniaes@usp.br

[fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes) [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

BERNARDINI, Aurora. Prolegômenos a “A leitura crítica como ideologia” (anotações). *Opiniões*, São Paulo, n. 23, pp. 154-159, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.218273>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/218273>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

prolegômenos a “a leitura crítica como ideologia” (anotações)

Prolegomena to Critical Reading as Ideology (notes)

Aurora Bernardini¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.218273>

Resumo: Texto escrito a partir de anotações de “A leitura crítica como ideologia”, título da última aula do curso “Leitura ideológica dos textos literários” ministrado por Antonio Candido em 1975 no Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada (PPG TLLC/FFLCH-USP).

Palavras-chave: Teoria literária. Leitura ideológica. Crítica como ideologia.

Abstract: Text written from notes on Critical reading as ideology, the title of the last class of the course “Ideological reading of literary texts” given by Antonio Candido in 1975 at the Postgraduate Program in Literary Theory and Comparative Literature (PPG TLLC/FFLCH-USP).

Keywords: Literary Theory. Ideologic Reading. Criticism as Ideology.

¹ Aurora Bernardini é professora titular do Departamento de Letras Orientais (DLO/FFLCH-USP) especializando-se em temas de teoria e crítica literárias ligados à literatura russa e italiana, em especial à semiótica russa e à literatura comparada. E-mail: bernaur2@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0643870323205203>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2559-7080>.

“O que é contrário é útil.
É do que está em luta que nasce
a mais bela harmonia.
Tudo se faz por discórdia.”
Heráclito de Éfeso

No final do século XVIII as paixões passaram a fazer parte explícita da categoria do homem. A partir deste século a literatura passa a ter consciência da divisão do eu. É um novo conceito do homem, proclamado, entre outros, por Friederich Schlegel (1772-1819); é o Romantismo, que durou um século. Surgem depois novos tipos de abordagem.

Um tipo de abordagem que cabe a certos textos literários é a leitura ideológica. Há um sentido flutuante no termo ideológico. É um tipo de tratamento de texto que relaciona estrutura, estilo, tema, assunto (internos) com valores sociais (externos, anteriores ao texto). Se valores (poéticos, morais, religiosos, econômicos, de costumes etc.) estão presentes na obra, eles devem entrar na análise. O que mais interessa é quando eles aparecem a despeito do autor. Notório é o caso de Balzac, monarquista e reacionário, que Marx considerou o maior crítico da burguesia, ao ler sua obra *La comédie humaine* (1842-1848). Por quê? Porque por trás de uma aparência existem planos que conflitam com essa aparência. Obviamente há outros significados para o termo ideologia. Para Theodor Adorno (1903-1969) ela era sinônimo de “mentira”.

O termo “ideologia” foi introduzido por Destutt de Tracy (1754-1836) como substituto do termo “metafísica”. Era típica do século XVIII a ilusão da neutralidade da ciência. Para ele, a ideologia seria a ciência geral de ideias, de conteúdos da mente. Para Bakhtin e Voloshinov (*Marxismo e filosofia da linguagem*), a produção de ideias é criatividade ideológica, todos os signos são produtos ideológicos.²

Outro significado do termo “ideologia” é o de falsa consciência. Origina-se da crítica de Marx da economia política (começo de *O capital*). Hegel chamou a ideologia de “unglückliches Bewußtsein”. A ideologia é a racionalização discursiva, a acumulação teórica de uma atitude ou estado de falsa consciência.

Um terceiro significado é o de visão de mundo de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. Quando esses entes desejam intervir na realidade com um projeto, temos a ideologia como planejamento social.

Um quarto significado do termo ideologia, o nível mais alto de seu significado é “filosofia”. A filosofia é interna e não externa à ideologia. Ambos

são discurso e tudo o que se diz no campo filosófico é ideológico, apesar de não ser apenas ideológico.

As totalidades às quais pertence a ideologia são sociais. Ela permeia qualquer relação humana. Ela é – em si mesma – uma força social real.³

Há perigos que cercam uma leitura ideológica, a saber: tende-se a extremar o aspecto da mensagem, em detrimento do aspecto lógico e em detrimento das teorias do código, entre elas o estruturalismo, que permitem uma abordagem mais “pura”. De acordo com as teorias do código pode-se voltar mais objetivamente à mensagem. Mas o ideal é uma leitura que leve em consideração simultaneamente código e mensagem. “A literatura foi feita para nós sairmos dela”, diz Lukács (1885-1971), um dos teóricos da mensagem e precursor dos estudos sociológicos da literatura. A análise ideológica, conforme foi dito, é a pesquisa das instâncias não literárias que requerem um desvendamento das camadas profundas do texto.

A própria leitura crítica, qualquer que seja o tipo dela, deve ser desmascarada. Não seria ela uma análise ideológica em sentido negativo? Uma leitura crítica, como a de Leo Spitzer (1887-1960) – a *Estilística* – apesar de ser genial, não dá conta do fenômeno literário, como também é um extremismo do tipo: mensagem sem código ou código sem mensagem. Hoje se aceitam ironia, secura, emoção entre parênteses, obra como projeto e não como inspiração, dissonância, desmistificação. Em lugar da “missão” passam-se a considerar a “função”. Superou-se definitivamente o Romantismo. Foi o fim do culto do ego, ou seja, da hipertrofia de certos valores judaico-cristãos que implicaram o complexo de culpa, o excesso de escrúpulos etc. A partir do Futurismo e do Dadaísmo, o Romantismo recebeu seus golpes finais. Surgiram movimentos como o Realismo, o Surrealismo (recuperação do Romantismo em base iconoclástica), o Parnasianismo, o Simbolismo. Surgiram nomes como Filippo Marinetti (1876-1944), Tristan Tsara (1896-1963), E. E. Cummings (1894-1962), Ezra Pound (1885-1972), Oswald de Andrade (1890-1954); e na música Stockhausen (1928-2007), Schoenberg (1874-1951) – o criador do dodecafonismo.⁴

Há aproximação da música com a literatura brasileira, quando é elencada a paranomásia, procedimento que extrai expressividade da combinação de palavras que apresentam semelhança fônica, mas possuem sentidos diferentes. O som passa a imperar sem nexos lógicos, e – eventualmente – tende a devorar a metáfora e a metonímia. O trocadilho passa a ter um papel importante. Lembro aqui o compositor

³ Síntese de uma aula sobre *Ideologia* dada por Ferrucci Ruosi-Sandi na Universidade de Trieste em 1978.

⁴ Sistema de composição atonal, composto de 12 notas, sendo que uma nota somente poderia ser repetida durante a música, depois de toda a série ter sido apresentada. Para os leigos, trata-se de variações sobre a emoção por meio de ondas consecutivas de compressão.

Arrigo Boito (1842-1918), autor, entre outras, da ópera *Mefistófeles* e libretista de Carlos Gomes para a ópera *Maria Tudor*, que já naquele tempo prenunciava o advento da paranomásia na publicidade com o trocadilho: “lodo l’odol”.⁵

Figura 1. Propaganda de Odol encontrada em *O Jornal*

**Mais triste do que um sorriso triste
é a tristeza de não poder sorrir...**

porque os dentes cariados e feios constroem
a não descerrar os lábios...

É essa uma tristeza que nunca sellará a bocca
das pessoas que, para escovar os dentes, usam
a Pasta Odol juntamente com o Líquido Odol.
A Pasta Odol conserva limpos e claros os den-
tes protegendo o esmalte. Usal-a juntamente
com o Líquido Odol é levar á perfeição a
hygiene da bocca.

ODOL

"Manezinho e Quintanilha"
diariamente às 7 1/2 horas na
Radio Sociedade (P R A A)

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Disponível em:
http://memoria.bn.br/pdf/110523/per110523_1932_04120.pdf

Ou seja, a obra está em sintonia com seu tempo, e o texto chama a atenção sobre si mesmo, sem se importar com o significado. Ou melhor, a lógica agora passa a ser o primeiro nível da razão de ser do discurso e depois se desdobra, como referência a uma realidade externa: garante e perturba o senso comum. Depois do embaralhamento do sentido, o discurso se torna mais interessante, o som prega uma peça: o autor diz o que não quer dizer.

Mas, como o elemento ideológico se transforma em elemento estruturante do sentido? Existem motivos de ordem social (prática, econômica, religiosa

⁵ “Louvo o odol”, nome de um dentifício muito popular na época.

etc.) que levam o autor a desfigurar a realidade? Entre as causas desses motivos, algumas são desígnios do autor, mas num plano profundo, que escapa ao autor. Vêm das pulsões profundas da personalidade, das quais ele não tem consciência. Em que medida os fatores sociais (etc.) desviam a palavra da sua referência natural? Como num quadro cubista, o discurso devora os objetos. Como se o objeto saísse do mundo e viesse para dentro do discurso. A palavra se desfigura. Leia-se Jakobson e o discurso poético: o discurso que chama a atenção sobre si mesmo e – no limite – faz esquecer o mundo.

o desmonte do texto

O escritor que produz o texto manipula a palavra por dois meios: a) reforçando a semelhança com o mundo; b) desmanchando a semelhança com o mundo.

A semelhança funciona baseando-se em analogias que, ao mesmo tempo em que reforçam também perturbam esse nexos. Exemplo: Olho para o céu e vejo as nuvens amontoadas que parecem carneiros. Se são nuvens, não são carneiros; mas, ao mesmo tempo, parecem carneiros. É assim que se forma a ambiguidade literária: eu tenho e não tenho o mundo, ela me dá as nuvens e, ao mesmo tempo, me tira as nuvens.

Eu posso ir acentuando a mensagem até o ponto em que a analogia abre o mundo. Em geral, são as vanguardas que se valem de analogias não convencionalizadoras. De uma maneira geral, há dois polos de radicalização: como tentar reforçar ao máximo a relação do texto com o mundo, ou como fazer com que o texto seja livre em relação ao mundo. Mas, seria possível pegar os dados do primeiro polo (de fora) e tentar compreender o dentro (segundo polo) a partir do fora? Sim, e podemos ver isso com muita clareza na análise de *O cortiço* feita por Antonio Candido.